

A literatura como leitura de mundo: gênero e desigualdades no projeto “Mulheres que versam resistência” — literatura e poesia nas escolas

Rayana de Carvalho¹, Rayssa Andrade Carvalho², Cíntia Vicente da Silva³

Resumo

Este relato traz uma experiência de educação popular por meio do projeto “Mulheres que versam resistência: literatura e poesia nas escolas”. A iniciativa surgiu do clube literário “Mulheres que correm com livros” e teve como público-alvo estudantes do 8º ano de uma escola municipal de Santa Rita, na Paraíba. O objetivo foi promover uma formação crítica por meio da literatura escrita por mulheres, abordando desigualdades de gênero, raça e classe sob a perspectiva de sujeitos à margem. A literatura foi abordada como ferramenta para a leitura de mundo, conectando linguagem e realidade social. A metodologia consistiu em oficinas temáticas que apresentaram autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, cujas obras instigaram debates sobre justiça social e vivências interseccionais. Os estudantes participaram ativamente de exercícios de escrita criativa, culminando na produção de poesias individuais e coletivas. Assim, o Dia Nacional da Poesia foi marcado pela exposição “Mulheres que versam resistência”, na qual os discentes expuseram suas vozes nos muros da escola utilizando a técnica urbana do “lambe-lambe”. Os resultados demonstraram o fortalecimento da consciência crítica, o incentivo à leitura literária e sua descolonização, reafirmando a literatura como um potente lugar de resistência e transformação social.

Palavras-chave

Formação literária. Leitura de mundo. Desigualdades sociais. Desigualdades de gênero. Educação popular.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; professora na Rede Pública Municipal da Paraíba, Brasil. E-mail: carvalhorayana@yahoo.com.br.

² Mestra em História pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; professora na Rede Pública Municipal de Educação de Santa Rita, Paraíba, Brasil. E-mail: carvalho_rayssa@yahoo.com.br.

³ Graduada em Comunicação Social pela Faculdade Maurício de Nassau, Paraíba, Brasil. E-mail: cinthia.vicentecici@gmail.com.

Literature as a way of reading the world: gender and inequalities in the project “Voices that verse resistance” — literature and poetry at schools

Rayana de Carvalho¹, Rayssa Andrade Carvalho², Cíntia Vicente da Silva³

Abstract

This experience report presents a popular education initiative developed through the project “Women who verse resistance: literature and poetry at schools”. The project emerged from the literary club “Women who run with books” and targeted 8th-grade students at a municipal school in Santa Rita, Paraíba, Brazil. Its objective was to promote critical literary education through works written by women, addressing gender, racial, and class inequalities from the perspective of marginalized subjects. Literature was approached as a tool for reading the world, connecting language and social reality. The methodology consisted of thematic workshops featuring authors such as Conceição Evaristo and Carolina Maria de Jesus, whose works stimulated discussions on social justice and intersectional experiences. Students actively engaged in creative writing activities, culminating in the production of individual and collective poems. Brazilian National Poetry Day was celebrated with the exhibition “Voices that verse resistance”, in which students displayed their voices on the school’s walls using the urban wheatpasting poster technique. The results demonstrated strengthened critical consciousness, encouragement of literary reading and its decolonization, reaffirming literature as a powerful space of resistance and social transformation.

Keywords

Literary education. Reading the world. Social inequalities. Gender inequalities. Popular education.

¹ Master's degree in Education, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; teacher at the Municipal Public School System of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. Email: carvalhorayana@yahoo.com.br.

² Master's degree in History, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; teacher at the Municipal Public School System of Santa Rita, State of Paraíba, Brazil. Email: carvalho_rayssa@yahoo.com.br.

³ Graduated in Social Communication, Maurício de Nassau College, State of Paraíba, Brazil. Email: cinthia.vicentecici@gmail.com.

Introdução

“A literatura é um lugar de resistência” (Evaristo, 2025, n.p.).

Decifrar a palavra significa decifrar o mundo particular que reside em cada um de nós (Freire, 1989). Partindo desse pressuposto, três professoras se uniram em torno de um único objetivo: trazer formação crítica por meio de literatura e poesia a alunos do ensino fundamental de escolas públicas do município de Santa Rita, situado na região metropolitana de João Pessoa, no estado da Paraíba (PB). Nesse sentido, este texto é uma síntese dessa experiência, uma prática em educação popular desenvolvida por meio do projeto “Mulheres que versam resistência: literatura e poesia nas escolas”.

O projeto trouxe a cultura para o espaço educativo. Nesse horizonte, Antonio Moreira e Vera Candau (2003) afirmam que a cultura não é epifenômeno, ela é, antes de tudo, a explicação de como as organizações sociais funcionam, evidenciando seus conflitos, suas desigualdades e, conseqüentemente, suas hierarquias. Por isso, compreender elementos constitutivos e experiências diversas de indivíduos, em sua vida cotidiana, é importante para entender também fenômenos sociais complexos, como desigualdade de gênero, de raça e de classe social (Moreira; Candau, 2003).

Dessa maneira, a literatura faz esse trabalho de forma magistral. Quando se lê livros como *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2014), ou *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (2015), não se lê apenas histórias sobre pobreza, mas se apreende a realidade social das desigualdades sob a perspectiva de quem sustenta a pirâmide social: pobres, pessoas negras, mulheres. Esse tipo de literatura, por trazer uma linguagem coloquial, possibilita facilmente a compreensão acerca de realidades interseccionais⁴, expondo, a partir de narrativas ficcionais e/ou biográficas, as lógicas que estruturam as relações de dominação que repercutem discriminações e desigualdades de gênero, raça e classe (Menezes; Gomes, 2024).

Assim, a literatura, sem se explicar, proporciona o que Paulo Freire (1967) denomina como leitura de mundo, ou, em outras palavras, uma consciência crítica sobre as relações de

⁴ Faz-se importante destacar que a interseccionalidade foi concebida por feministas negras, na década de 1980, que utilizaram o conceito como caminho teórico e político, por compreenderem que a identidade homogênea construída no âmbito do movimento feminista não contemplava as diversas experiências histórico-sociais das mulheres (Bairros, 1995). Nesse sentido, a teoria do ponto de vista feminista (*feminist standpoint*) corroborava com o pensamento de que “a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos” (Bairros, 1995, p. 461).

poder que constituem os processos de dominação social. Nesse aspecto, a literatura configura lugar de resistência, porque ela denuncia. Para isso, é preciso ter intencionalidades pedagógicas definidas, como ocorreu nesse projeto, cujo objetivo foi focar em um tipo de literatura específica: a escrita por mulheres em suas especificidades, entendendo como elas contribuem para pensar as diferentes vivências, especialmente as de gênero e suas interseccionalidades (raça, classe *etc.*). Constituiu, desse modo, um trabalho voltado a uma literatura escrita por mulheres à margem, ou seja, ao território da educação popular (Eggert, 2013). Nesse entendimento da educação em sua não neutralidade (Freire, 1989, 2011), a seção seguinte traz o relato de como a ação cultural foi desenvolvida.

Pressupostos teóricos

A leitura de mundo no contexto da literatura escrita por mulheres

Inicialmente, é válido enfatizar que a cultura sempre esteve presente na teoria educacional de Paulo Freire⁵. A relação entre educação e cultura constitui campo fértil da educação popular, porque é a partir dela que se ultrapassa a fronteira da pedagogia para o oprimido para pensar uma pedagogia com o oprimido.

Assim, oferecer uma formação crítica aos sujeitos no processo educacional, seja ele dentro da escola ou fora dela, é engajar-se na experiência de vida (cultura), isto é, partir da própria realidade do povo para construir um conhecimento coerente. Isso é possível apenas quando os educadores partem da leitura de mundo na qual o povo está inserido, ou seja, leem os sujeitos enquanto histórico-situados culturalmente, como seres que fazem a sua própria história (Bueno; Melo; Bezerra Neto, 2008).

Considerando o compromisso em romper com a educação bancária (Freire, 2005), que insiste, ainda, em permear os espaços escolares, trazer literaturas à margem para a escola pública é contribuir com o fomento da educação popular nesse espaço, tendo em vista que o debate desse tipo de literatura valoriza a cultura popular e evoca uma educação para o povo (Brandão, 2013).

Contribuir nesse sentido é relevante, porque, ao questionar se os estudantes conheciam autoras como Conceição Evaristo e Maria Carolina de Jesus — autoras clássicas tão fundamentais à literatura brasileira —, a maioria dos discentes alegou não as conhecer, o que

⁵ Embora a cultura seja refletida, basicamente, em toda a obra de Paulo Freire, ela é discutida mais enfaticamente nos textos: “Educação como prática da liberdade” (Freire, 1967), “Pedagogia do oprimido” (Freire, 2005) e “Ação cultural para a liberdade e outros escritos” (Freire, 1981).

aponta para o fato de que ainda é preciso descolonizar o ensino de literatura nas escolas para romper o apagamento histórico de mulheres na literatura, bem como seu branqueamento.

Vale lembrar que, quando se fala em sujeitos à margem, refere-se àqueles que são “invisíveis”, que não aparecem ou que poucos percebem; ou melhor, aqueles que “de tanto estarem presentes, não aparecem mais” (Eggert, 2013, p. 144). Falar de literatura à margem é, portanto, evidenciar narrativas, ficcionais ou não, que trazem à cena sujeitos demasiadamente presentes na sociedade, mas invisibilizados por uma questão hierárquica social.

Tanto Conceição Evaristo (2014) quanto Carolina Maria de Jesus (2015) escreveram sobre a condição de apagamento de mulheres à margem, enfatizando a discriminação racial, social e de gênero a que estão expostas. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Maria Carolina de Jesus (2015) narra sua rotina na favela do Canindé, na cidade de São Paulo, no próprio estado de São Paulo (SP), expondo situações como a relatada a seguir:

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: — É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2015, p. 64).

A partir desse trecho, é possível apreender o caráter interseccional em sua obra, partindo de uma condição de pobreza entranhada ao racismo estrutural. A frase “[é] pena você ser preta” (Jesus, 2015, p. 64) revela que, apesar do seu talento, Carolina Maria de Jesus estava limitada não apenas à classe social, mas ao seu gênero e à cor de sua pele. Por outro lado, quando alega “[e]squecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico”, a autora se coloca como resistência em um mundo de opressão. Essa dualidade entre a marginalização e a resistência de mulheres negras também é trazida na narrativa de Conceição Evaristo (2014). No conto *Olhos d’água*, a autora descreve lembranças da fome, por exemplo:

Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida (Evaristo, 2014, p. 16).

Assim como Carolina Maria de Jesus, para além da dor, Conceição Evaristo escreve também a resistência das margens. Nesse mesmo relato sobre a fome, descreve: “E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas.

Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira” (Evaristo, 2014, p. 16-17). A mulher negra brinca de rainha frente à contradição da pobreza extrema, transformando o barraco num cenário de esperança tendo em vista a superação da marginalidade. Esses são alguns relatos que introduzem o leitor à realidade social de milhares de mulheres negras brasileiras, que “de tanto estarem presentes, não aparecem mais” (Eggert, 2013, p. 144).

Ignorar esse tipo de literatura de autoria negra nos espaços escolares cria uma lacuna. Para Andressa Marques ([s.d.] *apud* Maciel, 2014), ao não recorrer à literatura de mulheres negras, arrisca-se ter uma representação uníssona da sociedade, apagando reflexões importantes, como as de gênero, raça e classe. Assim, uma prática educativa pautada na cultura popular, no uso da linguagem para fomentar um diálogo horizontal e democrático entre os sujeitos, proporciona uma reflexão crítica, situando-os no espaço-tempo criticamente (Bueno; Melo; Bezerra Neto, 2008). Para Paulo Freire (1989, p. 9),

[a] leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Dessa forma, não há leitura de mundo sem interpretação da realidade — das relações sociais, da cultura, das desigualdades — e a leitura da palavra só ganha sentido se vier acompanhada por uma leitura crítica do mundo. Ler e escrever é, portanto, um ato político que ajuda a reescrever e transformar a realidade (Freire, 1989). Ao dar a oportunidade de os estudantes terem acesso à literatura à margem, a contribuição é que eles se vejam nas realidades narradas, afinal, no seio da escola pública, estão a classe popular, os pobres e, em grande parte, a população negra, isto é, os que compõem as margens (Eggert, 2013).

No caso dessa experiência, devido ao curto prazo para concretização do projeto por meio da ministração do minicurso, não foi possível ler na íntegra as obras das autoras com os estudantes. A ideia era apresentar essas autoras para os alunos saberem de sua existência, além de fomentar o interesse por esse tipo de literatura e incutir a ideia de que as margens são protagonistas de sua própria história, isto é, eles mesmos são autores de sua própria vida, sendo a escrita (por meio da literatura) um importante registro disso.

Metodologia

Caminhos para a execução da ação cultural

O projeto “Mulheres que versam resistência: literatura e poesia na escola” foi financiado pela Lei de Incentivo à Cultura Aldir Blanc, por meio do Edital nº 01/2024, nos termos da Lei nº 14.399/2022 (Brasil, 2022). Com realização no ano de 2025, a iniciativa surgiu do clube literário “Mulheres que correm com livros”, voltado à discussão de literatura escrita por mulheres, administrado pelas docentes autoras deste texto.

O público de interesse foram estudantes do 8º ano do ensino fundamental de uma escola municipal localizada na cidade de Santa Rita/PB. A execução do projeto ocorreu entre os dias 20, 21 e 31 de outubro de 2025, e a participação dos estudantes deu-se por meio de inscrição. As professoras visitaram as turmas de 8º ano explicando aos estudantes acerca da finalidade do projeto (oferecido como componente extraclasse): informaram se tratar de um minicurso de formação literária, com carga horária de 8 horas, e que os estudantes participantes seriam liberados pelos professores durante os 2 dias de evento, que ocorreu concomitante ao horário escolar, no turno da manhã (das 7 horas às 11 horas).

O processo de inscrição ocorreu por meio de ficha de inscrição na secretaria escolar. Observou-se haver considerável interesse por parte dos alunos, inclusive muitos se inscreveram no mesmo dia. Ao todo, 40 vagas foram ofertadas, sendo ampliadas para 42 posteriormente.

Nos dias 20 e 21 de outubro, os estudantes participaram de duas oficinas, respectivamente: “Tá ligado que aquele livro é uma crítica social!?” e “Desatando os nós: a palavra como ponte”. No dia 31 de outubro, no Dia Nacional da Poesia, ocorreu a culminância do projeto com a realização da exposição poética “Mulheres que versam resistência”, que possibilitou aos alunos exporem suas produções poéticas durante os 2 primeiros dias de evento. O projeto visou ao alcance de cinco metas, sendo elas:

- Meta 1: Realização de oficina com as turmas de 8º ano para conhecer nomes femininos importantes da literatura, dentre eles os de Conceição Evaristo e Maria Carolina de Jesus;
- Meta 2: Realização de oficina de leitura e interpretação de texto, com leitura coletiva de trechos de obras escolhidas pelas docentes, referente às autoras supracitadas, visando a

observar como a crítica social é empregada na literatura, reconhecendo nela como as desigualdades sociais e de gênero aparecem nos textos literários;

- Meta 3: Realização de oficina para a produção de textos literários no gênero poesia, com inspiração nas obras das autoras discutidas e apresentadas anteriormente;
- Meta 4: Aprimoramento da interpretação de texto e desenvolvimento da escrita criativa a partir da produção textual;
- Meta 5: Organização de evento envolvendo a comunidade escolar para apresentação da literatura produzida pelos discentes durante as oficinas, com o objetivo de dar visibilidade e valorização à produção dos estudantes.

Todas as metas foram alcançadas com o desenvolvimento da prática, conforme descrito na próxima seção e demais subseções.

Relato de experiência — “Mulheres que versam resistência - literatura e poesia nas escolas”

1º dia: A crítica social na literatura escrita por mulheres

No primeiro dia do minicurso, 20 de outubro, os estudantes participaram da oficina “Tá ligado que aquele livro é uma crítica social!? Como a literatura revela as injustiças do mundo real”, que teve como mediadoras as autoras deste texto. A oficina adotou uma metodologia centrada na perspectiva freireana, estimulando o diálogo, a reflexão crítica e a valorização das experiências dos participantes (Freire, 2005). Assim, deu-se início à apresentação das professoras envolvidas no projeto, a partir da contação da história do clube literário e da proposta daquele projeto.

Em seguida, iniciou-se o aquecimento crítico por meio da dinâmica “qual é a minha história?”, que apresentou diversos perfis e personagens. Os alunos leram um trecho de histórias fictícias e discutiram as seguintes perguntas: qual era a dificuldade que aquela pessoa enfrentava? Quais eram as diferentes realidades sociais e os desafios contidos naquelas histórias? Os estudantes se identificavam com aquelas histórias? Quais são as desigualdades sociais ali presentes? Entre os perfis que fomentaram as discussões, destacam-se: o de Lara, com 16 anos, negra, moradora da periferia, que cuida dos irmãos mais novos enquanto os pais trabalham. Ela sonha em se tornar engenheira, mas ouve de sua família “que é uma posição muito difícil para uma mulher negra”; o de Pedro, de 14 anos, branco, de classe média. Ele

chora escondido por ser chamado de “menininha” por gostar de dançar balé, enquanto ouve o pai dizer-lhe que “homem de verdade joga futebol”.

A partir disso, iniciou-se uma roda de discussão com os alunos. Eles escreveram em um bloco de notas o que entendiam sobre desigualdade social. Em seguida, introduziu-se a palestra “Diálogos sobre literatura e realidade”. Um ponto observado durante a palestra foi que a maioria dos alunos não tinha uma perspectiva crítica sobre esses marcadores sociais, muitas vezes, utilizando discursos meritocráticos para justificar os relatos expostos. Entretanto, os momentos de debates foram importantes, porque trouxeram diferentes perspectivas à mesa, apresentando reflexões pertinentes.

Por meio dos debates reverberados pelas histórias dos personagens citados anteriormente, as professoras introduziram compreensões básicas sobre literatura a partir de autoras nacionais importantes que discutem, em suas obras, a desigualdade de gênero e suas intersecções. Nessa perspectiva, foram trabalhadas, principalmente, as escritoras Carolina Maria de Jesus (2014) e Conceição Evaristo (2014). A apresentação de suas biografias e obras, aliada à análise de citações, provocou reflexões sobre a literatura como forma de crítica social capaz de romper com estereótipos e criar caminhos para transformações sociais ao possibilitar que grupos historicamente silenciados enunciem.

A partir do que foi exibido e debatido, propôs-se a realização de uma dinâmica em grupos de trabalho para a construção de uma poesia coletiva livre intitulada “Nossas Vozes”. Dessa forma, os alunos pensaram e reuniram toda a aprendizagem sobre os temas trabalhados, trazendo as suas próprias experiências para um texto de produção livre. Cada grupo, de quatro a oito estudantes, elaborou uma estrofe para compor a poesia.

Nesse contexto, reuniram-se todas as produções realizadas pelos estudantes para a construção do painel coletivo “Nossas Vozes”. Ao final, foi selecionado um participante de cada equipe para a leitura dos poemas coletivos, que tinham como temática as desigualdades sociais, conforme demonstra a Figura 1.

Figura 1 – Construção e apresentação do painel coletivo “Nossas Vozes”



Fonte: acervo da assessoria de comunicação do projeto (2025).

Todos os textos produzidos pelos estudantes nessa oficina ficaram expostos em um segundo painel de palavras, dando visibilidade e importância a tudo que estava sendo produzido por eles, conforme exposto na Figura 2.

Figura 2 – Exposição do painel de palavras



Fonte: acervo da assessoria de comunicação do projeto (2025).

2º dia: Oficina de escrita criativa

No segundo dia do minicurso, 21 de outubro, ocorreu a oficina “Desatando os nós: a palavra como ponte”, que teve como mediadora uma das professoras, também poetisa. Iniciou-se, então, a oficina de escrita criativa. Nela, os estudantes tornaram-se autores de sua própria história: pensando, refletindo e escrevendo poesia.

Os objetivos dessa formação eram: mostrar que poesia não é um “bicho de sete cabeças”, mas sim jogo, som, imagem e emoção; estimular a criatividade; oferecer gatilhos e exercícios práticos que “quebrem o gelo” da página em branco; criar um ambiente seguro no qual todos se sentissem à vontade para se expressar, sem julgamentos; conectar a poesia com as diferentes realidades sociais; garantir que cada aluno saísse com pelo menos um rascunho de um texto poético.

No aquecimento poético, os estudantes teriam que completar a seguinte frase: “Poesia é...”. Assim, iniciou-se o segundo dia de formação, quando se utilizaram metodologias mais práticas, mas antes houve uma breve exposição teórica sobre a introdução à técnica: “Poesia é tudo que nos cerca”. O intuito da formação não era apresentar técnicas mecânicas de construção de poemas, mas incitar os alunos a criar, pensar e ver a poesia de diferentes perspectivas. Assim, apresentou-se a poesia como um conceito amplo, que se faz presente não apenas no poema, mas em uma infinidade de expressões artísticas, como na fotografia, na música, nos filmes, no

grafite *etc.*, lembrando que essas produções deveriam ser conectadas às discussões literárias feitas no dia anterior.

Permeados às discussões teóricas, foram realizados vários exercícios de escrita criativa, nos quais os alunos tiveram que elaborar desde versos pequenos, como o “Poesia é...”, até a produção poética em si, com tema livre, no último bloco de trabalho. Todos os alunos participaram da atividade proposta. Dessas produções, destacam-se os poemas seguintes:

Sentimentos e emoções

*Onde há importância, há compaixão
Onde há dor, há tristeza
Onde há frustração, há mágoa
Onde há chateação, há raiva escondida no peito
E onde há beleza, há poesia.
(J. O., 8º A)*

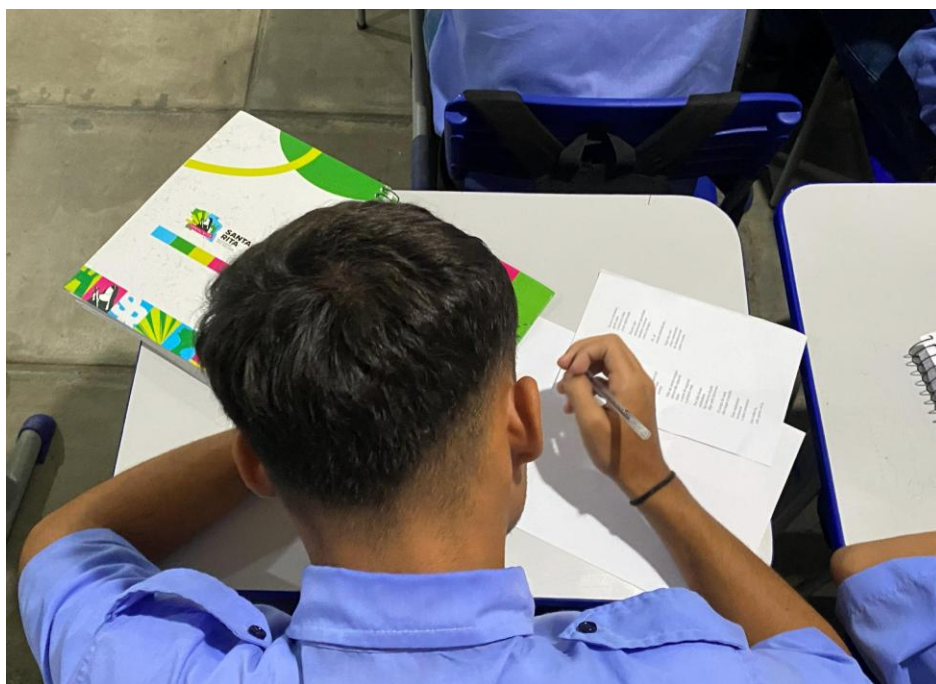
Em busca de uma nova razão

*Todas as bagagens que acumulei
pela minha vida até agora,
deixei-as para trás.
Tudo deixei para trás.

E hoje vivo,
vivo como um caderno branco
esperando o ponto de um
lápis a me rabiscar,
e escrevo poemas nessas minhas linhas,
brancas e vazias, que chamo de vida.
E me dá uma nova razão de esperança
para continuar meu esboço, que chamo de vida.
(C. R., 2025)*

Como observa-se na Figura 3, o processo de produção dos poemas acima, bem como de outros, foi feito espontaneamente e por um curto período, precisamente uma hora. Isso evidencia o empenho e o resultado profícuo da produção textual desses estudantes, além de demonstrar que, apesar de os temas “gênero, raça e classe” não aparecerem tão notadamente nos textos, os alunos empreenderam bem a ideia de transformar a dor em poesia.

Figura 3 – Registro de produção de poema, por meio de escrita criativa



Fonte: acervo da assessoria de comunicação do projeto (2025).

Os autores de sua própria história: a produção poética feita pelos estudantes

Por fim, no dia 31 de outubro (Dia Nacional da Poesia), ocorreu a culminância do projeto com a realização da exposição poética “Mulheres que versam resistência”, que abriu espaço às produções poéticas de todos os alunos envolvidos nos 2 primeiros dias de evento. Foram distribuídos certificados e premiações, além de terem tido sorteios dos livros discutidos no curso entre todos os alunos participantes.

Inspirando-se em trabalhos realizados por grupos de mulheres escritoras paraibanas, a exposição foi realizada utilizando a forma de “lambe-lambe”, um tipo de arte urbana. Assim, trechos das poesias produzidas pelos discentes foram impressos em papel A3 colorido, tendo sido colados pelos próprios estudantes em um muro na área externa da escola — lugar de intensa circulação de pessoas pertencentes à comunidade escolar, conforme demonstra a Figura 4 abaixo.

Figura 4 – Exposição poética “Mulheres que versam resistência”



Fonte: acervo da assessoria de comunicação do projeto (2025).

O resultado da formação foi bastante proveitoso, por haver um engajamento dos alunos participantes em todas as atividades realizadas no minicurso. Alcançando o conhecimento de autoras clássicas importantes da literatura nacional e internacional, os estudantes tiveram acesso a diversos livros do nosso acervo pessoal, que circularam livremente entre eles, por exemplo: *Outros jeitos de usar a boca* (Kaur, 2017); *O que o sol faz com as flores* (Kaur, 2018); *Olhos d'água* (Evaristo, 2014); *Ponciá Vicêncio* (Evaristo, 2017); *Becos da memória* (Evaristo, 2017); *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (Jesus, 2015); *Casa de alvenaria I* (Jesus, 2021); *Orgulho e preconceito* (Austen, 2018); *Razão e sensibilidade* (Austen, 2018); *Bagagem* (Prado, 2023); *O sol é para todos* (Lee, 2006); *A cor púrpura* (Walker, 2021); *As três Marias* (Queiroz, 2018); *O quinze* (Queiroz, 2016); *O olho mais azul* (Morrison, 2019); *No seu pescoço* (Adichie, 2017) etc.

Além disso, destacam-se: o conhecimento sobre o clube de leitura e o seu funcionamento; a visão crítica fomentada sobre o papel da literatura e seu caráter de denúncia social; a elaboração de processo criativo por meio de reflexões em temas sociais como gênero, raça e classe; o desenvolvimento de processo criativo por meio de elaboração de produções textuais; a participação coletiva nas atividades, trazendo ao debate diferentes pontos de vista; o reconhecimento das produções escritas pelos alunos, por meio de premiações; o estímulo ao processo criativo por meio de produções artísticas, especificamente a poesia; e, por fim, o incentivo à criação de clubes de leitura entre os alunos, por meio dos livros que sortearmos entre eles.

Considerações finais

A execução do projeto “Mulheres que versam resistência: literatura e poesia nas escolas” confirmou a potência da literatura como ferramenta de emancipação e leitura crítica da realidade. Ao levar obras de autoras que escrevem a partir das margens para o cotidiano escolar, a ação cumpriu seu papel de descolonizar o ensino literário e romper com o apagamento histórico de mulheres negras e periféricas.

Os resultados demonstram que a metodologia pautada no diálogo e na horizontalidade freireana foi eficaz para o engajamento dos estudantes. A transição da teoria para a prática — culminando na exposição poética em formato de “lambe-lambe” — permitiu que os discentes deixassem de ser apenas leitores passivos para se tornarem produtores de cultura e sujeitos de sua própria história. Observou-se um despertar para temas sensíveis, como desigualdades de gênero, raça e classe, expressos com maturidade nas produções textuais individuais e coletivas.

Conclui-se, portanto, que projetos dessa natureza são essenciais para fortalecer a função social da escola pública como espaço de resistência e construção da cidadania. O interesse demonstrado pelos alunos e a circulação afetiva dos livros sugerem que “a semente da leitura crítica foi plantada”, reforçando que a “leitura da palavra” só atinge seu pleno sentido quando precede e transforma a “leitura do mundo”.

Agradecimentos

Agradecimento à Secretaria de Cultura do município de Santa Rita/PB, que, por meio da Lei nº 14.399/2022 (Brasil, 2022) possibilitou o fomento do projeto. Quanto à comunicação, destaca-se que o projeto abordou uma estratégia de comunicação voltada ao público do Instagram, bem como aqueles que assistem televisão e acompanham portais. Na busca por construir o projeto como uma marca educacional, foi realizado o trabalho de assessoria de imprensa, com envolvimento e cobertura do evento. Isso possibilitou que a iniciativa circulasse nos meios de comunicação local, chegando aos pais, à comunidade escolar, bem como à população em geral por meio de portais de notícias.

Referências

ADICHIE, C. N. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AUSTEN, J. **Orgulho e preconceito**. São Paulo: Pé da Letra, 2018.

AUSTEN, J. **Razão e sensibilidade**. São Paulo: Pé da Letra, 2018.

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. **Estudos Feministas**, [Florianópolis], v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995. DOI 10.1590/%25x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>. Acesso em: 30 jul. 2026.

BRANDÃO, C. R. Educação popular antes e agora. **Ideação**, Foz do Iguaçu, v. 15, n. 1, p. 10-24, 2013. DOI 10.48075/ri.v15i1.8505. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/8505>. Acesso em: 12 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.399, de 8 de julho de 2022**. Institui a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. Brasília, DF, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/14399.htm. Acesso em: 15 jul. 2026.

BUENO, G. M. B.; MELO, P. S.; BEZERRA NETO, L. Ensaio sobre a relação entre cultura popular e educação popular no olhar de Paulo Freire. **Acervo Paulo Freire**, 2008. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/40a03671-6d0e-48ce-820d-eebc691c1292/content>. Acesso em: 15 fev. 2026.

EGGERT, E. As muitas margens da educação popular. In: STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (org.). **Educação popular**: lugar de construção social coletiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 143-150.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. **Ponciá Venâncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. **‘Ainda sonho com um momento em que vou poder parar para só escrever’, diz Conceição Evaristo aos 78 anos**. [Entrevista concedida a] Focus Brasil. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, jan. 2025. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/ainda-sonho-um-momento-que-vou-poder-parar-para-so-escrever-diz-conceicao-evaristo-aos-78-anos/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1981.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2011.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2015.

JESUS, C. M. **Casa de alvenaria volume 1**: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017.

KAUR, R. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta, 2018.

LEE, H. **O sol é para todos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MACIEL, C. Literatura: ausência de negras revela forma distorcida de representar sociedade. **Agência Brasil**, São Paulo, 14 mar. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/literatura-ausencia-de-negras-revela-forma-distorcida-de-representar-sociedade>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MENEZES, M.; GOMES, A. Escrivências de resistência: interseccionalidade e necropolítica no conto ‘Maria’, da coletânea Olhos d’água, de Conceição Evaristo. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 586-612, ago./dez. 2024. DOI 10.12957/riae.2025.89337. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/89337>. Acesso em: 17 maio 2026.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, [Rio de Janeiro], v. 23, p. 156-168, maio-ago. 2003. DOI 10.1590/S1413-24782003000200012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/99YrW4ny4PzcYnSpVPvQMYk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MORRISON, T. **O olho mais azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRADO, A. **Bagagem**. 47. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

QUEIROZ, R. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

QUEIROZ, R. **As três Marias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

WALKER, A. **A cor púrpura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

Submetido em 2 de abril de 2026.

Aprovado em 13 de maio de 2026.